

• ESPIRITUALIDADE MARISTA, n.1 •

O Espírito do Instituto

ESTUDO HISTÓRICO DA
ESPIRITUALIDADE DE CHAMPAGNAT,
DE 1824 A 1965

IRMÃO ANDRE LANFREY



• ESPIRITUALIDADE MARISTA, N.1 •

O Espírito do Instituto

ESTUDO HISTÓRICO DA
ESPIRITUALIDADE DE CHAMPAGNAT,
DE 1824 A 1965

IRMÃO ANDRE LANFREY



2021

Expediente:**Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)***Superior Provincial*

Irmão Benê Oliveira

Diretor Executivo

June Allison Westarb Cruz

Diretor de Identidade, Missão e Vocação

José Leão da Cunha

Diretor Memorial Marista

Dyogenes Philippsen Araujo

Colaboradores*Edição e revisão*

Angelo Ricordi

João Luis Fedel Gonçalves

Tradução

Lafayette Megale

Diagramação

Eneo Lage

Lara Pessôa

Dados da catalogação na publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 /1636

Lanfrey, Andre

L268q Espiritualidade Marista: o espírito do instituto / Andre Lanfrey, Província

2021 Marista Brasil Centro-Sul. -- Curitiba, Memorial Marista, 2021.

31 p. : il. ; 24 cm. – (Espiritualidade Marista; n.1)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87802-54-1

1. Irmãos Maristas. 2. Espiritualidade. 3. Vida religiosa. 4. Humildade.

I. Província Marista Brasil Centro-Sul. II. Título.

21-077

CDD 23. ed. – 271.79



PT - Por gentileza, ao receber esse livro, digitalize o **QR Code**. Se for do seu interesse, você também poderá avaliar a obra. Obrigado.

EN - When you receive this book, please, scan the **QR Code**. If it is of your interest you can also evaluate this work. Thank you.

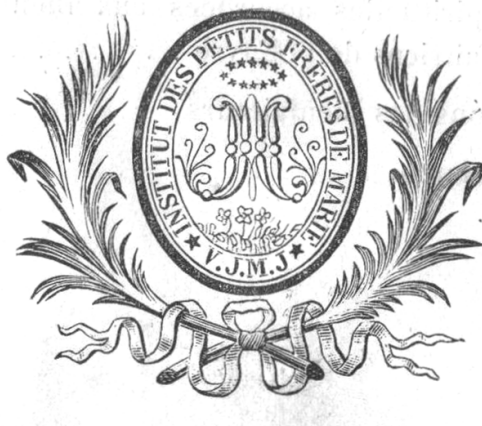
ES - Por gentileza, al recibir este libro, escanea el **QR Code**. Si es de su interés usted también podrá evaluar esta obra. Gracias.

FR - Lorsque vous recevez ce livre, scannez le **QR Code**. Si cela vous intéresse, vous pouvez également évaluer ce travail. Merci.



Introdução

Quando nasce o Instituto, a palavra “espiritualidade” não é sequer usada. É apenas na segunda metade do século XX que o Instituto irá adotá-la para redefinir sua identidade. Nas origens e por muito tempo ainda, a expressão “espírito do Instituto” perdurou como mais ou menos equivalente a “espiritualidade”. O **M** marista, junto com três violetas que simbolizavam a humildade, a simplicidade e a modéstia, transformou tardiamente a expressão gráfica desse espírito.¹



O estudo mais aprofundado a respeito dessa expressão foi feito pelo Irmão Basílio em 25 de dezembro de 1975, exatamente na época em que o termo “espiritualidade” estava começando a se impor. Na introdução, ele nos apresenta uma definição:

Quando falamos do espírito do Instituto, pensamos em humildade, simplicidade, modéstia. Pensamos ainda em devoção marial, e enfim, pensamos em caridade fraterna vivida num estilo muito particular: o espírito de família.

Mas ele foi prudente:

Esta circular não pretende ser um verdadeiro estudo a respeito de nosso espírito. Se fosse, deveria conter uma parte histórica que foge a minha competência, mas que seria indispensável.

¹ Esse brasão foi extraído do boletim da obra dos juvenatos de 1894. A presença das três violetas nesse brasão é sem dúvida recente.

Eu me proponho neste texto esboçar o estudo histórico que o Irmão Basilio desejava. Não é fácil elaborá-lo porque os textos oficiais do Instituto sequer usam a expressão “espírito do Instituto”. Por exemplo, nem a *Vida de Champagnat* (1856) nem as *Regras Comuns* (1852) trazem um capítulo sobre esse assunto.² E a razão é simples, como reconhece o Irmão Louis-Marie em sua circular de 16 de julho de 1861 (*C. III, p. 45*): “Esse espírito marista do Padre Champagnat [...] está em toda parte em nossas regras, em nossas constituições [...] Ele é a alma e a vida de nossos estabelecimentos [...] é nosso elemento, é a atmosfera em que vivemos”. Mas essa redução do espírito do Instituto a um ambiente global não corresponde plenamente à realidade, porque os manuscritos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste contêm instruções que remontam ao Padre Champagnat e definem um espírito do Instituto baseado na humildade a exemplo de Maria.

Meu objetivo será, portanto, num primeiro momento, esclarecer na medida do possível o nascimento e o conteúdo de espírito do Instituto, anterior ao Capítulo Geral de 1852-54, que instituiu uma doutrina oficial “definitiva”, com base nas Regras Comuns, enriquecida em seguida pela *Vida de Champagnat* (1856) e pelas obras mais tardias do Irmão Jean-Baptiste Furet. Creio poder esclarecer que, logo no início, Champagnat delineou os grandes traços do que hoje denominamos uma espiritualidade marista. Mas os redatores da Regra em 1852 deram ao espírito do Instituto uma fisionomia mais ascética e institucional do que espiritual, a ponto de, desde então, passar a ser uma coisa só o Irmão ser obediente à Regra e possuir o espírito do Instituto.

Vou me esforçar, entretanto, para mostrar num segundo momento que, até a relativização da Regra e o surgimento do conceito de espiritualidade marista nos anos 1970, a doutrina primitiva de Champagnat permaneceu guardada na memória e foi ensinada pelos Superiores Gerais.

² Nem os índices temáticos dos *Avis, leçons, sentences, das Circulares anteriores a 1916, nem as Cartas de Champagnat registram esse verbete.*

1ª PARTE

DEFINIÇÃO DO “ESPÍRITO DO INSTITUTO” POR CHAMPAGNAT E SEUS SUCESSORES IMEDIATOS (1824-1852)

Espírito do Instituto nos primeiros anos

É sob o nome de Maria que Champagnat reúne seus primeiros Irmãos e é óbvio que, desde o tempo de La Valla, o tema da humildade é importante por ser um ponto essencial na formação de qualquer candidato à vida devota. Desse modo, ler *A perfeição cristã*, de Rodriguez, *O combate espiritual* de Scupoli ou *Do amor ao desprezo de si mesmo* de Franchi não constitui por eles mesmos sinais de que na origem a comunidade fazia da humildade o fundamento de seu espírito nem que essa virtude fosse inconfundivelmente ligada ao exemplo de Maria. Nas sentenças do oratório de La Valla é na Imaculada Conceição que se pensa. E as quinze principais sentenças do Padre Champagnat anteriores a 1822 conservadas na memória dos Irmãos (*Vida de São Marcelino Champagnat*, p.100-102) giram em torno dos seguintes polos: piedade, afastamento do mundo, amor a Jesus e a Maria e zelo pela catequese. A humildade só é citada de passagem.

Por outro lado, quando Irmão Avit faz a lista das principais instruções do Fundador até 1832, os Irmãos mais antigos citam oito, estando no sexto lugar “Sobre a humildade”. Ele nos dá uma informação muito concisa sobre ela:³ “Foi para inspirar o amor a essa virtude no coração de todos os Irmãos que o bom Pai lhes impôs o nome de Irmãozinhos de Maria”. Não é muito, mas mesmo assim os Irmãos se lembraram de que, segundo Champagnat, havia um forte vínculo entre a humildade e o nome do Instituto. Vamos reencontrar esse traço em vários textos sobre o espírito do Instituto.

A contribuição das *Reflexões para retiros*⁴ do Irmão Francisco

Nossa vocação é santa, sublime: é a do próprio Jesus Cristo e de seus apóstolos. Para correspondermos a ela, precisamos nos servir fielmente de todos os meios para cumprir bem os deveres que ela nos impõe:

3 Mas que, sem dúvida, corresponde à lembrança que os antigos Irmãos guardavam a respeito da humildade.

4 Ao ser feita a informatização desse manuscrito, o digitador anotou erradamente “pensamentos de retiro”.

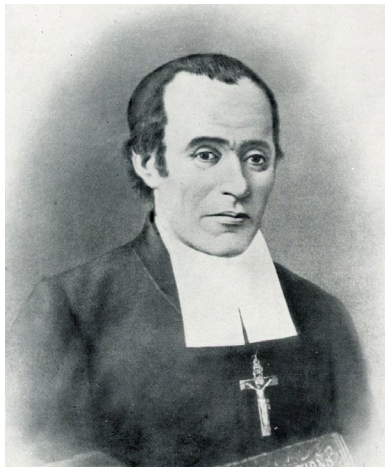
1º meio — uma grande união e caridade uns para com os outros: é a força;

2º meio — **uma grande humildade, modéstia e simplicidade em tudo: é a marca;**⁵

3º meio — uma grande reserva, circunspeção e comedimento nas relações com o próximo;

4º meio — a frequência dos sacramentos com as disposições requeridas;

5º meio — uma grande devoção para com a Santíssima Virgem (Padre Gardette, Superior do Seminário Maior).⁶



Trata-se, sem dúvida, do resumo de uma série de instruções sobre a vocação dos Irmãos: primeiro sobre a finalidade do Instituto baseada no zelo para imitar Jesus e os apóstolos, primeiros catequistas⁷. Em seguida, as qualidades que um Irmão deve possuir para ser fecundo, entre as quais a humildade já definida em seu triplo aspecto. Mas ela parece estar vinculada mais ao zelo do que à devoção a Maria.

Na *Vida São Marcelino de Champagnat* (1ª parte, cap. 12, p. 124), Irmão Jean-Baptiste confirma a existência dessa série de instruções durante a construção de l’Hermitage: “Ele lhes fez naquele verão sólidas instruções sobre a vocação religiosa, sobre a finalidade do Instituto e sobre o zelo pela educação cristã das crianças”. E ele lhes entrega⁸ depois “um pequeno texto” que resume o que lhes ensinara e do qual a *Vida* fornece “a substância” (p. 124-126):

5 O selo, a marca. Essa palavra será retomada no art. 1º do capítulo sobre a humildade, nas Regras Comuns.

6 Esse tipo de referência muito frequente no Irmão Francisco indica muitas vezes a fonte da palavra ou remete a uma fonte similar. É pouco provável que o próprio Padre Gardette tenha fornecido essa instrução.

7 Nos Anais do Instituto, o Irmão Avit parece fazer alusão a essa instrução sobre o zelo (1832, § 93)

8 Ou ele faz com que os Irmãos o copiem.

vida sacramental e oração, caridade fraterna e uma dezena de artigos sobre o comportamento a ser mantido com as crianças.

A primeira parte do *Tratado sobre a educação*, redigido mais tarde pelo Irmão Jean-Baptiste⁹ com o título “Meios para se fazer o bem entre as crianças”, deve ser visto como a sequência¹⁰ dessa série de instruções. Por exemplo, o capítulo II, ao tratar da excelência da finalidade catequética dos Irmãos, usa a expressão “nada mais sublime e mais excelente [...] o próprio Jesus Cristo a cumpriu, e foi a primeira que ele confiou a seus apóstolos”. Em seguida, ele se esmera num texto sobre as qualidades do zelo que deve ser prudente, esclarecido, amável, doce, mortificado. No capítulo XV ele nos convida a lembrar que “o zelo deve ser humilde” a fim de ser agradável a Deus e aos homens, mas também que “precisamos da humildade para merecermos a proteção de Maria”. Ela é realmente indispensável para “religiosos da Sociedade de Maria”.¹¹

A partir dessas diversas constatações, concluo que, de acordo com os Irmãos Francisco e Jean-Baptiste, foi em 1824 que o Padre Champagnat definiu de modo sistemático um espírito alicerçado no zelo, na caridade fraterna e numa humildade vista seja como virtude necessária ao apostolado seja como fundamento de uma sociedade filha de Maria.

No mesmo Caderno 302,¹² Irmão Francisco nos legou, com data de 1827, uma lista de seis pensamentos sobre a humildade. Os cinco primeiros, muito banais, provêm da tradição ascética, mas o último está num tom completamente diferente.

1. A humildade é a raiz, o fundamento, a cuidadora, a guardiã-inata de todas as virtudes [...] (Rodriguez, 2ª parte, 2º tratado).

2. A humildade gera e mantém as virtudes. [...]

3. Por boas que sejam as obras que conseguimos realizar, elas nada valem se não forem acompanhadas pela humildade.

9 Para preparar a redação do *Guide des Écoles* [Guia das escolas] (1853).

10 Irmão Jean-Baptiste se baseou claramente nas instruções de Champagnat, mas acrescentou-lhes numerosas citações, o que torna difícil a percepção do que seria o texto original.

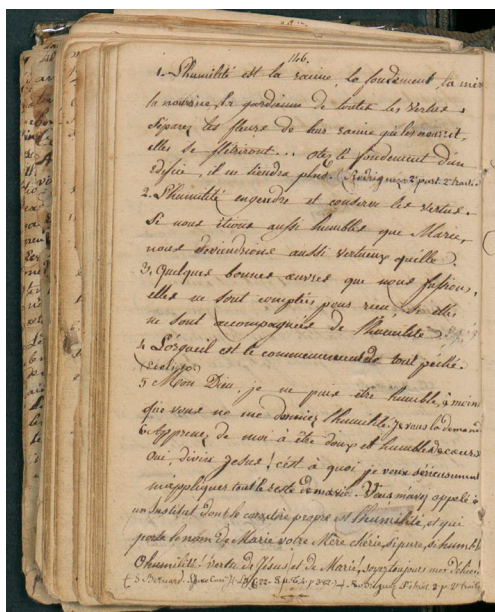
11 Muitas outras fontes ligadas a esses textos poderiam ser acrescentadas aqui: por exemplo *Anais do Instituto* 1832 § 193, *Vida*, 2ª parte, cap. XII, “De sua humildade”, p. 376-378.

12 *AFM 5101.302 p. 146*.

4. O orgulho é o ponto de partida para qualquer pecado. (Ecl 10).

5. Meu Deus, eu só conseguirei ser humilde, se o Senhor me conceder a humildade. Eu a imploro ao Senhor.

6. Aprendam comigo a serem doces e humildes de coração. Sim, divino Jesus! É a isso que quero sinceramente me dedicar pelo resto da minha vida. O Senhor me chamou a **um Instituto cujo caráter próprio é a humildade e que leva o nome de Maria, sua querida Mãe**, tão pura, tão humilde. Ó humildade! Virtude de Jesus e de Maria! Seja sempre meu maior prazer!...



Em outubro de 1826, após a grande crise da doença de Champagnat e do conflito com o Padre Courville, dois Irmãos, entre os quais o próprio Irmão Francisco,¹³ fizeram votos pela primeira vez. Em 1827, referindo-se a seu compromisso, Irmão Francisco definiu o “caráter próprio” do Instituto como a humildade, por ela ser marial, fazendo alusão a uma instrução — sem dúvida, de 1826 —, que definiu finalmente os Irmãozinhos de Maria como congregação religiosa. Tudo nos faz entender que os manuscritos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste tenham conservado cópia dessa instrução maior sobre o espírito do Instituto.

13 Mas não o Irmão Louis nem o Irmão Jean-Baptiste.

Séries de instruções conservadas pelos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste

Em obra anterior intitulada *Un chaînon manquant de la spiritualité mariste* [Um elo que falta da espiritualidade marista] (Roma, 2000, p. 158) eu mostrara que existiam, nos manuscritos dos primeiros superiores, numerosas instruções da época de Champagnat e mantidas no desconhecimento ao mesmo tempo que elas inspiram a literatura oficial criada a partir das Regras Comuns (1852) e até a morte do Irmão Jean-Baptiste em 1872. Quando foram encontradas no acervo de instruções do Irmão Francisco (Cadernos 307-309) e do Irmão Jean-Baptiste (Escritos 3 e 4) instruções ou séries muito semelhantes, é praticamente certo que se trata de anotações tomadas das instruções de Champagnat, conservadas, recuperadas e reutilizadas pelos superiores após o falecimento dele. Segue o extrato de um quadro sinótico de uma série em que o espírito do Instituto é seu elemento mais significativo.¹⁴

Ir. Francisco (Caderno 307, p. 131-180)	Ir. Jean-Baptiste¹⁵ (Escritos 3, p. 103-147)	Ir. Jean-Baptiste (Escritos 4, p. 332-398)
Vocação	Vocação	Título 3: Vocação
	Regras para conhecer sua vocação	
Meios para conservar sua vocação	Meios para conservar sua vocação	
Espírito religioso ¹⁶	Espírito religioso	Título 4: Espírito religioso
Caráter e espírito da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria	Espírito do Instituto	Título 5: Espírito do Instituto
Mau espírito ¹⁷	Sobre o mau espírito	Título 6: Sobre o mau espírito

A meu ver, o texto mais fiel à instrução primitiva sobre o espírito do Instituto é o conservado pelo Irmão Francisco no Caderno 307, p. 147: “Caráter, espírito da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria”. As duas versões do Irmão Jean-Baptiste são mais completas, mas parecem ter sido muito reelaboradas.¹⁸ Em todo caso, as várias versões possuem textos muito próximos e são constituídos de acordo com o mesmo projeto:

14 “Un chaînon manquant de la spiritualité mariste”, cap. XIII, p. 90. Na verdade, a série é muito mais extensa.

15 Irmão Jean-Baptiste oferece duas versões diferentes desta série, que sem dúvida provêm de anotações de diferentes Irmãos. Talvez do Irmão Louis e dele mesmo.

16 É o espírito dos religiosos em geral, feito de estima pela vocação e pela dedicação no cumprimento das obrigações. Um parágrafo faz, entretanto, referência aos maus religiosos.

17 É a imagem muito forte do mau religioso “descontente consigo mesmo e com os demais”.

18 Talvez tenham sido introduzidas nelas várias instruções anteriores.

1. Cada ordem religiosa tem um espírito que lhe é peculiar;
2. O nome “ Irmãozinhos de Maria” traduz o espírito peculiar de nosso Instituto;
3. Maria nos deu o exemplo de uma vida oculta;
4. Quais são as atitudes e práticas humildes dos Irmãozinhos de Maria.

Segue o início da versão do Irmão Francisco:

É preciso distinguir o espírito geral do estado religioso e o espírito peculiar de cada ordem, como diz São Francisco de Sales [...] Cada ordem religiosa tem, então, seu espírito peculiar, que é como seu caráter próprio e sua marca diferenciadora. Todos os religiosos não atingem a perfeição pelas mesmas práticas. [...]

[...] — O espírito dos Irmãozinhos de Maria, seu caráter particular e diferenciador, é um espírito de humildade e de simplicidade. Nossa vida deve ser, então, uma vida humilde, oculta, desconhecida do mundo. A humildade e a simplicidade devem ser sempre as principais virtudes, privilegiadas e características de cada um de nós. É só por meio dessas virtudes que poderemos adquirir a perfeição de nossa vida e dar glória a Deus. É esse o molde¹⁹ que nos dá forma, e o espelho no qual vemos o espírito de nossa Ordem e de nossa linha de conduta.

Não nos esqueçamos nunca de nosso nome de Irmãozinhos e Irmãozinhos de Maria.²⁰ Maria é nossa mãe, nossa Superiora, nosso modelo. Somos chamados a honrar e a imitar a vida humilde, simples, pura da Santíssima Virgem, e a fazer com que suas virtudes revivam em nossa conduta; humil-

19 Alguns textos dizem “a marca”.

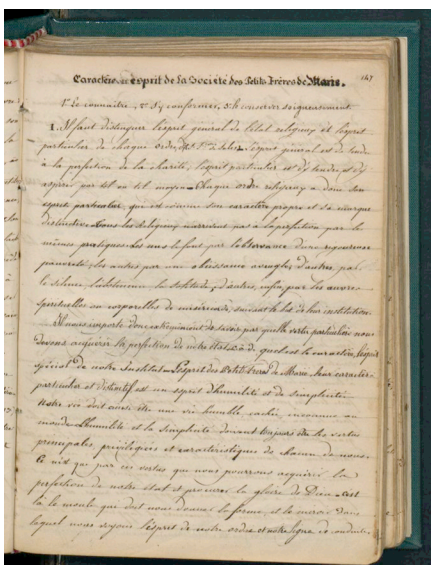
20 O nome comumente usado é “Irmãos de Maria”. A palavra “*petit*” [pequeno] foi acrescentada em 1824 no *Prospectus*. (Na tradução para o português, o conceito é assimilado no diminutivo “Irmãozinhos” [n.e.])

dade de Maria nos seus pensamentos, nas suas palavras e nas suas ações, nas suas ocupações, dores, honras e privilégios.

Irmão Francisco remete então à instrução “Maria, modelo de humildade” (Caderno 308, p. 544),²¹ que é ao mesmo tempo um relato sucinto da vida de Maria e uma meditação sobre seu significado, em especial nos seguintes trechos:

2. Maria tinha baixos sentimentos de si mesma; ela só via o nada que ela era e mantinha-se diante de Deus em humildade e aniquilação profundas.

10. Maria pratica uma intensa humildade em suas palavras e ações; ela se reveste a tal ponto com o véu da humildade que sempre foi desconhecida do mundo, desprezada por ele e vista por todos como uma mulher ignorante, como uma pessoa de poucos méritos, inútil para o mundo, escondendo de todos suas virtudes, sua santidade, suas luzes, seu poder, a grandiosidade de seu filho e todos os favores que recebera de Deus. É assim que Maria estimou, amou, buscou e praticou a humildade. Sua vida deve ser o modelo da nossa.



Maria que é consciente de seu nada diante de Deus e que escolhe uma vida desconhecida e oculta: eis temas caros à escola beruliana de espiritualidade.²² Para Champagnat, portanto, a humildade marista não é simples virtude ascética, mas a adesão ao mistério divino, sabedoria oculta e participação na salvação.

Na sequência, é dada uma longa lista de itens a respeito da humildade, da simplicidade e, incidentalmente, da modéstia. É certo que parte desses itens é composta por textos posteriores. Em todo caso, encontramos essa lista tanto nos documentos do Irmão Jean-Baptiste como nos do Irmão Francisco. No quadro a se-

21 O Irmão Jean-Baptiste trata dessa vida exemplar de Maria na própria instrução.

22 Muitas vezes é chamada incorretamente “Escola francesa” Em sua circular de 1975, o Irmão Basilio faz alusão a essa espiritualidade.

guir privilegiamos os primeiros, que nos parecem ser mais primitivos e resumem as características da humildade como Champagnat as concebia.

Caráter, espírito (Irmão Francisco, Caderno 307, p. 147). Espírito do Instituto (Irmão Jean-Baptiste, Escritos 3, p. 123-130; Escritos 4, p. 349s).
1. Humildade e simplicidade, virtudes caras aos Irmãozinhos de Maria. Devem brilhar em suas pessoas...
2. Ter predileção toda especial pela vida oculta...
3. Considerar a humildade como virtude principal. Trabalhar para adquiri-la.
4. Fazer o bem sem barulho.
5. Aplicar-se nas ciências humanas e na instrução civil apenas para agradar a Deus.
6. Comportar-se entre Irmãos e com os seculares com humildade e simplicidade.
7. Ter particular predileção pelas penitências públicas, culpas...
8. Tornar-se crianças (citação evangélica que talvez sirva de conclusão na versão primitiva. Item ausente no Irmão Francisco)

Trata-se primeiro de uma atitude interior (“virtude cara”); de um estilo de vida (“desconhecido e oculto”; “fazer o bem sem barulho”). Mas essa visão geral da humildade e da simplicidade deve se encarnar num contexto apostólico comunitário e limitado: a escola, os relacionamentos entre os Irmãos e com a sociedade, sem esquecer as práticas monásticas tradicionais.

Itens mais tardios, menos coerentes e num tom diferente

Os itens a seguir, em ordem totalmente relativa, estão baseados na temática da luta contra o mau espírito baseado no orgulho e condenado em termos muito fortes. Começam por reunir a modéstia com a humildade e com a simplicidade. São plausivelmente complementos tardios. Os Irmãos Francisco e Jean-Baptiste nos fornecem textos quase idênticos, dos quais fornecemos a ideia principal. Eles apresentam numerações diferenciadas.

Irmão Francisco	Irmão Jean-Baptiste
8 e 10. Os Irmãos não podem salvar as almas sem humildade, simplicidade e modéstia.	9. Idem.
9. A felicidade e o sucesso dependem de sua humildade.	10. Idem.
11. A humildade e a simplicidade são virtudes indispensáveis. Quem não as possuir é um membro morto.	11. Idem.
12, 13 e 14. Os espíritos orgulhosos não são feitos para o Instituto.	12. Idem.
15. Cada um deve convencer-se de que ele é o último.	13. Idem.
16. Ver no orgulho nosso grande inimigo.	14. Idem.

Essa instrução funciona, portanto, como síntese do ideal ditado pelo Fundador e, sem dúvida, completado por seus sucessores imediatos. Servirá para a redação dos textos oficiais da Congregação, principalmente das Regras Comuns, que, entretanto, como veremos, ficarão longe de respeitar a unidade.

A Regra de 1852: fragmentação da doutrina do espírito do Instituto

As Regras Comuns não mantiveram o conceito de espírito do Instituto, mas exploraram a instrução primitiva no capítulo “Da devoção a Maria” (1ª parte, cap. VI) em especial no artigo 8, que oferece desse espírito de Maria uma definição próxima da que foi dada nas origens, mas com um outro viés: sua humildade é menos a da criatura diante de seu Criador que a do amor do Cristo encarnado.

As virtudes dela, que eles se esforçarão por imitar melhor, são: sua humildade, sua pureza, seu terno amor por Jesus Cristo. A seu exemplo, terão uma predileção especial pela vida humilde e oculta, pelos empregos mais comuns e mais baixos. Como ela, cultivarão a amável virtude e tomarão todos os meios para conservá-la. Como ela, fugirão até da sombra do pecado; e, esvaziando o coração de toda afeição às criaturas, amarão apenas a Jesus Cristo e dedicarão todas as suas forças e toda a sua vida para torná-lo amado.

Quanto à humildade, quase todos os artigos do capítulo V da segunda parte das Regras Comuns sobre o assunto se inspiram nas instruções sobre o espírito do Instituto. O artigo 1º é significativo para entender essa filiação:

Regras Comuns, capítulo V, “Da humildade”	Caráter e espírito da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria	Espírito do Instituto
A humildade, a simplicidade e a modéstia devem ser o caráter próprio deste Instituto; os Irmãos terão uma predileção particular por essas virtudes, e farão de tal modo que todas as suas ações e tudo o que lhes pertence possuam essa marca.	1º) que a humildade e a simplicidade devem ser as virtudes prediletas dos Irmãozinhos de Maria, e brilhar em suas pessoas, em suas palavras, em suas ações e em tudo o que lhes pertence; 2º) que eles devem ter uma predileção particular pela vida oculta...	1º) que a humildade e a simplicidade devem ser as virtudes prediletas dos Irmãos de Maria, que elas devem brilhar em suas pessoas, suas palavras, suas ações e em tudo o que lhes pertence. 2º) que os Irmãos devem ter uma predileção peculiar pela vida oculta...

Neste capítulo, a humildade está desconectada do exemplo marial. E a expressão “virtude predileta”, sem dúvida, julgada por demais familiar, não foi mantida. A modéstia ficou tão pouco integrada à humildade e à simplicidade que foi beneficiada com um capítulo à parte (2ª parte, cap. IX). Aliás, ela é pensada apenas como a arte de “compor com decência o exterior do homem” a fim de edificar o próximo. Em suma, é a civilidade dos religiosos entre si e em relação aos leigos. No fundo, ela está mais ligada ao zelo do que à humildade propriamente dita e a Maria.

Vida de Champagnat: síntese pouco convincente de duas tradições sobre a humildade

Na segunda parte da *Vida de Champagnat*, o capítulo VII trata da devoção marial do Fundador e o capítulo XII de sua humildade. Irmão Jean-Baptiste provocou a separação entre os dois assuntos, a devoção a Maria sendo tratada nos eixos maiores da espiritualidade com o espírito de fé (cap. 2), a confiança em Deus (cap. 3), o espírito de oração (cap. 4 e 5), o amor a Jesus Cristo (cap. 6). A humildade simplesmente faz parte das virtudes, após a obediência, a pobreza, o desapego dos parentes e a mortificação. Assim, a própria ordem dos capítulos deixa de lado o conceito de espírito do Instituto favorecendo uma concepção ascética da humildade e uma concepção devocional mais do que espiritual do relacionamento com Maria.

Entretanto, os conteúdos dos capítulos corrigem em parte essa ruptura. Por isso, no capítulo sobre a devoção marial, Irmão Jean-Baptiste relembra a necessidade de imitar Maria: “sua humildade, sua modéstia, sua pureza e seu amor por Jesus Cristo”, a ponto de que tudo “em todas as suas ações e em sua pessoa lembre Maria, reproduza o espírito e as virtudes de Maria”. Mas o que está mais claro no capítulo é dedicado ao zelo para fazer amar Maria mediante práticas em sua honra. Não se trata mais do espírito do Instituto, mas de uma devoção muito apeguada: Maria garante a salvação aos que são devotos dela.

No capítulo sobre a humildade, Irmão Jean-Baptiste retoma a passagem contida na instrução “Espírito do Instituto” no que diz respeito ao significado da expressão “Irmãozinhos de Maria” que é a “marca”, o “molde”, o “espelho” do espírito marista. Mas ele insiste fortemente no aspecto ascético: é preciso conhecer bem a si mesmo, meditar sobre os males que o orgulho produz, apegar-se à obediência e à caridade, conservar a modéstia sempre e em toda parte (p. 411-413). Sua síntese entre a tradição ascética e o espírito do Instituto sobre a humildade é decepcionante.

Não há razão para nos surpreendermos com essa evolução: uma Regra, e a Biografia de um Fundador considerado como seu arquétipo, não podiam senão pôr de lado a noção de espírito do Instituto. Mas o *Manuel de piété* [Manual de piedade] preservou alguma coisa.

***Manuel de Piété* (1855), testemunha tardia do espírito do Instituto**

Esse catecismo usado pelos noviços, impresso em 1855, reflete com frequência a espiritualidade marista primitiva por detrás de uma aparência banal. É o caso do capítulo III da 2ª parte, que nos diz que a devoção dos Irmãos a Maria deve ser “a mais especial e a mais perfeita” e consiste “em quatro práticas principais, das quais a segunda é consiste em ‘assumir o espírito de Maria’. Ele é um espírito de humildade, de simplicidade e de modéstia; é um grande amor da vida oculta, um grande afastamento do mundo e um extremo horror por suas vaidades e seus prazeres [...]”. A humildade é tratada um pouco à frente, no capítulo IX, “Do espírito de família”, cuja primeira seção se inspira nas instruções “Espírito religioso” (p. 143) e no “Caráter, espírito da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria” do Caderno 307 do Irmão Francisco já longamente citado por nós:

— Pergunta: Qual é o espírito do Instituto dos Irmãozinhos de Maria?

— Resposta: É um espírito de humildade, simplicidade e modéstia.

— P: Qual é a origem desse espírito?

— R: É a Santíssima Virgem; porque nós a escolhemos de modo especial como nossa Mãe e, uma vez que levamos o seu nome, é justo que assumamos seu espírito, que imitemos suas virtudes e que sigamos o caminho que ela seguiu para ir até Deus e para fazer o bem.

Conclusão

O nascimento do conceito de espírito do Instituto, portanto, teria sido muito precoce, provavelmente desde 1824, ano em que ele parece vinculado a três episódios-chave:

- o *Prospectus*, que pela primeira vez usa o nome “Irmãozinhos de Maria”;
- a construção de l’Hermitage;
- as instruções que foram seladas pelo “*Petit écrit*” [Pequeno escrito]²³.

Em 1826, a organização em congregação religiosa impõe que seja definido um espírito próprio entre as ordens religiosas. Mas esse espírito, que reúne numa só ideia Maria, a humildade e o zelo, é equilibrado pela tradição ascética que considera humildade como uma virtude em si, sem ligação direta com Maria. E as duas tradições se unem de modo ambíguo na famosa fórmula ternária: humildade, simplicidade, modéstia que pode ser lida com lentes francamente espirituais para não dizer místicas; mas também do modo mais profundamente ascético ou devocional.

A equipe dos superiores que preparou a redação das Regras Comuns do Instituto optou por um viés preferencialmente ascético, que a biografia de Champagnat provocou. Sem ser negado, o conceito de espírito do Instituto perdeu seu significado preciso para se tornar um sentimento presente em todos os textos e em todas as mentalidades. Fica desde então na periferia de uma identidade marista baseada na Regra. Nessas

²³ Cf. FURET, 1999, p.124-126.

condições, fica difícil conceber o espírito do Instituto como equivalente do conceito de “espiritualidade”.

Entretanto, na instrução sobre o espírito do Instituto, Champagnat havia definido para os primeiros Irmãos as bases de uma verdadeira espiritualidade: não apenas “um modo de ser, um ambiente de família, uma atmosfera que cria entre as pessoas um parentesco de alma”, como diz o Irmão Basílio, mas a sistematização de nosso espírito constituído “por certo corpo doutrinário” que pode ser explicitado e até ensinado.²⁴ Mas a assimilação de tal doutrina tornou-se problemática por diversas razões: a dificuldade para muitos Irmãos de compreendê-la em profundidade; a morte prematura de um Fundador que não deixa sequer ensinamentos escritos nem, *a fortiori*, uma regra; enfim, o longo intervalo entre sua morte e a redação de uma Regra (1840-1852) numa instituição em plena explosão demográfica que passou de cerca de 300 Irmãos para perto de 2000.

Para os redatores da Regra, a preocupação com a fidelidade ao espírito do Fundador se mantinha intacta, mas era urgente dar uma organização institucional e princípios ascéticos sólidos a um corpo muito jovem e que se tornara numeroso. A Regra de 1852 formulava então um espírito do Instituto adaptado a um momento delicado de sua existência: focado no carisma (a educação) e no espírito de corpo (humildade etc.), mais do que numa espiritualidade apurada. Mas veremos que o conceito de “espírito do Instituto” alicerçado no tripé Maria-humildade-zelo não havia caído no esquecimento.

²⁴ Extraído da circular do Irmão Basílio, de 25 de dezembro de 1975, sobre o Espírito do Instituto.

2ª PARTE

OS SUPERIORES GERAIS E O ESPÍRITO DO INSTITUTO (DE 1860 AOS ANOS 1960)

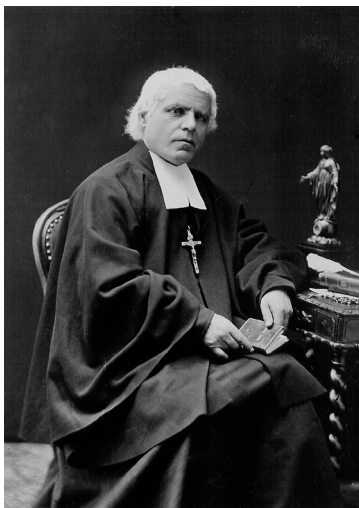
Na primeira parte, tentei mostrar que o conceito de espírito do Instituto com a marca de Champagnat a partir dos anos 1824-26 e retransmitido a nós pelos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste era muito próximo do que hoje denominamos “espiritualidade” e não apenas um sentimento, como indica a fórmula “humildade-simplicidade-mo-déstia”. A partir dos anos 1852-1856, a legislação do Instituto e a *Vida de Champagnat* estabeleceram as bases de um corpo doutrinário, mas, parece-me, no formato de uma somatória de elementos ascéticos, disciplinares e devocionais do que como uma síntese espiritual autêntica. Em suma, a partir de 1852, a Regra supostamente conteria todo o espírito do Instituto. Seria pela observância escrupulosa dela que um Irmão provaria que ele possuía esse espírito; e o voto de estabilidade era o reconhecimento público dessa fidelidade. Veremos, entretanto, que esse predomínio da Regra não impediria os Superiores Gerais — nem, com certeza, os antigos Irmãos — de fazerem referência a um conceito de espírito do Instituto anterior à Regra de 1852 muito próximo do que hoje é chamado de espiritualidade.

A carta do Capítulo de 1852 aos Irmãos

Na introdução às Regras Comuns de 1852, os capitulares se posicionam como intérpretes legítimos do espírito marista das origens: “Todas [as Regras] não foram escritas diretamente por nosso piedoso Fundador, mas são todas dele. [...] Elas são a fiel expressão de sua vontade e contêm o seu espírito”. Esta afirmação é indispensável porque, até a demissão do Padre Colin como superior dos Irmãos Maristas no início do Capítulo de 1852, o status do Padre Champagnat como Fundador não estava definitivamente sedimentado e evitava-se fazer referência a ele de modo claro. Entretanto, pelo fato de o Padre Champagnat não ter ele próprio redigido a Regra, a de 1852 sofrerá de um déficit de legitimidade. Aliás, o Capítulo de 1852-1854, composto pelos Irmãos antigos que tinham ouvido e até anotado os ensinamentos do Fundador, foi palco de muita tensão e de contestações sobre o espírito do Fundador. Exemplo disso é a criação do voto de estabilidade que muitos antigos Irmãos rejeitam ou só chegam a admitir com alguma dificuldade. Portanto, mesmo se a carta introdutória às Regras Comuns afirma que elas consubstanciam o espírito do Fundador, essa convicção levará muito tempo para se fixar solidamente.

Aliás, os próprios capitulares identificam nessas Regras situações diferentes: algumas contêm ordenamentos típicos da vida religiosa, como os votos e a disciplina, e têm um caráter bastante formal. São as da segunda parte, as que tratam das virtudes (espírito de fé, obediência etc.), que “têm como objetivo principal formar o espírito do Instituto [...] e moldar todos os Irmãos de acordo com esse espírito”.

Irmão Louis-Marie e a Circular sobre a devoção a Maria



A aceitação problemática das Regras Comuns contribui para explicar a razão pela qual Irmão Francisco, pressionado para obter o reconhecimento romano do Instituto, passará muito tempo em Roma em 1858. Sua tentativa não tendo tido resultado, ele deverá deixar o governo a seu vigário geral, Irmão Louis-Marie, em 1860. Em suas circulares, Irmão Louis-Marie se dedicará com firmeza à luta contra uma obstinada contestação. E de 1860 até o final de seu generalato em 1879, ele conseguirá legitimar uma interpretação do espírito do Instituto pela Regra, o que no primeiro momento havia provocado muitas reservas.

Mas ele não irá negligenciar tampouco a tradição anterior, e sua circular sobre a devoção marial, de 16 de julho de 1861, será uma das primeiras manifestações de sua vontade de se situar no seguimento do espírito do Fundador. Tomando como modelo o cenáculo depois da Ascensão de Jesus (At 1,14), ele quer que os Irmãos divididos se lembrem “do espírito da Regra e de nosso piedoso Fundador a respeito do culto todo especial que devemos a essa Boa Mãe, como seus Irmãozinhos e seus filhos”. Ela é

[...] a alma de toda a Congregação. como foi a alma e sustentação de tudo o que realizou nosso piedoso Fundador. [...] Foi comunicando-se intimamente com ela [...] que ele concebeu a ideia de sua Congregação, o plano de seu governo e o espírito peculiar com o qual ele queria que ela fosse animada. O nome abençoado de Irmãozinhos de Maria, que somos tão felizes de carregar, nós o devemos ao amor do Padre Champagnat por Maria, à irresistível atração que, durante toda a sua vida, ele teve pelas virtudes tão

simples e tão modestas dessa Virgem humilde. [...] Nós não podemos ser os filhos, os discípulos de nosso Pai e Fundador a não ser com a condição de amar a Maria, de honrá-la e servi-la, de viver da vida e do espírito de Maria.

Esse espírito do Padre Champagnat está presente em toda parte nos livros do Instituto, mas particularmente no capítulo VI das Regras Comuns:

Oh! Como esse capítulo da Devoção a Maria deve ser caro e precioso a todos nós! Como ele expressa bem os pensamentos e os sentimentos, o espírito e todas as disposições que deve ter um Irmãozinho de Maria para com sua Boa Mãe!

Irmão Louis-Marie confirma, portanto, a doutrina da Regra sobre Maria mas, na sequência da Circular, ele retoma o plano da instrução primitiva sobre o espírito do Instituto, do qual ele parece ter uma versão diferente da dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste:

Caráter, Espírito da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria (Irmão Francisco, Caderno 308)	<i>Devoção a Maria (Irmão Louis-Marie, 1861)</i>
É preciso distinguir o espírito geral do estado religioso e o espírito peculiar de cada ordem, diz São Francisco de Sales — O espírito geral é tender à perfeição da caridade; o espírito peculiar é de tender e aspirar a essa perfeição por este ou aquele meio.	... A finalidade de todos os Grupos religiosos é a união com Deus pela caridade e pela prática dos Conselhos evangélicos. [...] (Mt 19, 17, 21)
Cada ordem religiosa tem, portanto, seu espírito peculiar que é como seu caráter próprio e sua marca diferenciadora. Todos os religiosos não atingem a perfeição mediante as mesmas práticas.	Mas, além dessa finalidade geral, que é a mesma para todos os religiosos, cada congregação tem seu espírito próprio , seu meio especial de perfeição e de santidade, adequado à finalidade peculiar que ele se propõe.

<p>Alguns o fazem pela observância de uma pobreza rigorosa; outros, por uma obediência cega; outros ainda pelo silêncio, pela abstinência, pelo isolamento; muitos, enfim, pelas obras espirituais ou corporais de misericórdia, de acordo com sua instituição. É muito importante, por isso, saber por qual virtude particular devemos adquirir a perfeição de nosso estado, isto é, qual é o caráter, o espírito específico de nosso Instituto.</p>	<p>O Irmão Louis-Marie cita:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os filhos de São Francisco, o espírito de pobreza; • São Domingos, o espírito de zelo; • Os monges de Chartreux, a abstinência; • Os monges trapistas, o jejum e as mortificações do corpo; • Santo Inácio querendo que a obediência absoluta fosse a marca de sua Ordem.²⁵
<p>Não nos esqueçamos nunca de nosso nome de Irmãozinhos de Maria.</p>	<p>... nós, Irmãozinhos de Maria, chegaremos lá e devemos ir por Maria, pelo amor de Maria, pela devoção a Maria, pelo serviço de Maria, pelo espírito de Maria.</p>
<p>Maria é nossa Mãe, nossa Superiora, nosso modelo. Fomos chamados para honrá-la e imitar a vida humilde, simples, pura da Santíssima Virgem, e para fazer reviver suas virtudes em nossa conduta; humildade de Maria em seus pensamentos, suas palavras e ações, suas tarefas, suas dores, suas honras e seus privilégios.</p>	<p>Nós, caríssimos Irmãos, a quem Jesus deu a graça insigne de ter Maria por Mãe, por Padroeira, por Modelo e por Primeira Superiora, é pela devoção a Maria que devemos nos salvar;</p>
<p>O espírito dos Irmãozinhos de Maria, seu caráter peculiar e diferenciador, é um espírito de humildade e de simplicidade. Nossa vida deve ser uma vida humilde, oculta, desconhecida do mundo. A humildade e a simplicidade devem ser sempre as virtudes principais, privilegiadas e características de cada um de nós. É apenas por essas virtudes que poderemos adquirir a perfeição de nossa vida e dar glória a Deus.</p>	<p>É o espírito de Maria, a prática da humildade, da modéstia e das virtudes de Maria que é nosso meio específico de perfeição e santidade.</p>
<p>Esse é o molde que deve nos fornecer a forma e o espelho no qual veremos o espírito de nossa Ordem e de nossa linha de conduta.</p>	<p>É preciso que a devoção a Maria, o Espírito de Maria, seja em todo lugar e sempre o caráter diferenciador de nossa Congregação e de cada um de seus membros, a marca pela qual seremos reconhecidos pelos outros.</p>

É, portanto, uma circular bastante ambígua que, de um lado, afirma discretamen-

²⁵ Talvez por distração ou por dispor de uma segunda versão, ele colocou um pouco abaixo este acréscimo: “Os demais religiosos vão a Jesus, alguns pela obediência, outros pela pobreza, vários pela penitência, e muitos pelos exercícios do zelo e da caridade.”

te que os livros oficiais do Instituto contêm o espírito de Champagnat, mas se inspira igualmente em uma fonte anterior. O alcance espiritual dessa fonte é, entretanto, ligeiramente enfraquecido pelo fato de a humildade marial não ser considerada como atitude justa da criatura diante de seu Criador, de que Maria é o modelo insuperável, mas como uma virtude no final das contas clássica. De uma teologia marial passamos a uma devoção marial, mesmo sendo verdade que a ideia de viver do espírito de Maria salvaguarda boa parte da tradição anterior.

Espírito de oração como espírito do Instituto?

Com a determinação de restaurar o fervor de um grupo que precisa de uma urgente revisão espiritual e institucional, Irmão Louis-Marie envia aos Irmãos, em 2 de fevereiro de 1863, uma longa circular sobre o espírito de oração:

Caríssimos Irmãos, como é grande neste momento a necessidade que temos de refletirmos e de nos renovarmos naquele espírito de oração de nosso piedoso Fundador! [...] Vamos nos esforçar para rezar melhor, para conservar e fortalecer entre nós o espírito religioso, o bom espírito.

Mostrando como equivalentes “espírito de oração = espírito de Champagnat = espírito religioso = bom espírito”, Irmão Louis-Marie retoma o tema da circular “espírito religioso” dos cadernos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste que precedem a instrução sobre o espírito do Instituto, dizendo entre outras coisas: “O espírito religioso, o bom espírito é o amor e a estima de seu estado [...] um zelo e uma dedicação constantes nas tarefas que lhe são próprias”. E ele confere a esse espírito um significado altamente teológico: “segundo a doutrina de São Paulo, o espírito de oração é o próprio Espírito de Deus [...] (Rm 8,26). Ter o espírito de oração é, portanto, ter o próprio Espírito de Nosso Senhor, o Espírito de Deus, o Divino Espírito Santo, o BOM ESPÍRITO por excelência”.

Ao finalizar essa circular, ele anuncia a próxima em que denunciará as consequências funestas da ausência do espírito de oração nas comunidades, a ser publicada em 19 de março de 1865. Dessa vez, ele parece inspirar-se na instrução sobre “o mau espírito” que, para os Irmãos Francisco e Jean-Baptiste, estava na sequência da instrução sobre o espírito do Instituto. Nela ele descreve, num longo texto, o espírito de orgulho, inimigo do espírito de oração e do bom espírito, cujas consequências são a falta de caridade e o

espírito impuro.

Com essas duas circulares que tratam da oposição “bom espírito—mau espírito”, Irmão Louis-Marie explora duas instruções antigas, mas que serviam, de algum modo, como anexos da instrução sobre o espírito do Instituto. Desse modo, ele contribui para uma interpretação ascética e institucional do espírito do Instituto, do qual o espírito de oração e o bom espírito seriam equivalentes. E a oposição “bom espírito—mau espírito” será frequentemente usada de forma mais ou menos adequada, principalmente para justificar certo conservadorismo.

O espírito de humildade

Ao contrário, a circular de 16 de julho de 1868 sobre o espírito de humildade situa-se com plena fidelidade à tradição do espírito do Instituto tal como foi definido nas origens, fazendo notoriamente o vínculo entre a humildade do Irmão e a de Maria e a inspiração do Fundador. Entretanto, ela tem um objetivo utilitário, num momento em que as congregações são submetidas aos ataques convergentes dos grupos antir-religiosos e do governo imperial, preocupado com sua evolução. E também em certo número de comunas, os conselhos municipais querem laicizar a escola pública até então mantida pelos Irmãos. Eles se veem obrigados, então, a adotar uma postura prudente e modesta numa sociedade menos benevolente que antes, pronta a denunciar as atitudes dos religiosos.

Mas Irmão Louis-Marie aproveita para insistir na necessidade de “uma renovação geral no espírito do Instituto, no amor e na prática da humildade, virtude fundamental que deve constituir o caráter próprio de nossa pequena Sociedade”. É necessário, pois, haver “Irmãos humildes, simples, modestos, que evitem o brilho, que gostem da vida oculta, que façam o bem sem barulho, sem ostentação, pouco confiantes neles mesmos e contando apenas com a graça e o socorro de Deus”.²⁶

Na sequência, ele comenta o termo “Irmãozinho”, inspirando-se na instrução primitiva sobre o espírito do Instituto:

[...] a vida dos Irmãos deve ser uma vida humilde, oculta e desconhecida

26 Parece que o Irmão Louis-Marie retoma a lista dos itens da humildade recomendados na instrução primitiva sobre o espírito do Instituto.

do mundo, [...] a humildade e a simplicidade devem ser as virtudes principais e privilegiadas dos Irmãos de Maria. [...] Nós devemos nos esforçar continuamente para nos tornarmos pequenos, e nos vermos sempre não apenas como os últimos dos religiosos, mas ainda como os últimos dos fiéis na Igreja de Deus.

E ele desenvolve seis aplicações dessa pequenez:

1. Pequenos diante de Deus, a exemplo de Nosso Senhor [...] (Hb 5,7)
2. Pequenos diante de nossos Superiores [...] (Zc 2,8)
3. Pequenos diante das autoridades, do clero e dos Magistrados²⁷ [...]
4. Pequenos diante de nossos coirmãos [...]
5. Pequenos mesmo diante das crianças.
6. Pequenos diante de nós mesmos (Lc 18,14)

A maior parte desses itens retomam os artigos do capítulo das Regras Comuns sobre a humildade e detalham alguns deles. Por exemplo, o artigo “Pequenos diante de Deus” completa o artigo 14 com a citação da epístola aos Hebreus recordando que Jesus “foi exaltado devido a seu humilde respeito” (Hb 5,7). Quanto ao tema da pequenez diante das crianças, Irmão Louis-Marie insiste nele porque, naquela época, a imprensa anticlerical tentava sistematicamente denunciar escândalos: que os Irmãos vejam nas crianças

[...] os membros de Jesus Cristo, os templos do Espírito Santo, os filhos de Deus e os herdeiros do Céu; e, nessa visão de fé, respeitando-as, protegendo-as, dedicando-nos a sua instrução e a sua educação, sem queixa sobre as exigências e os cuidados para preservá-los e formá-los.

Em suma, a lembrança dessa pequenez multiforme reinteгра a doutrina da instrução sobre o espírito do Instituto, mas o modelo a ser seguido é primeiro o Cristo. Mesmo se Maria não aparece a não ser no segundo plano, é perfeitamente dentro do espírito das origens que ela é apresentada:

O que nos resta a fazer agora é nos dirigirmos a Maria, nossa Boa Mãe; a

²⁷ Os prefeitos e os notáveis.

Maria, o modelo perfeito da mais perfeita humildade [...]; a Maria, nossa primeira Superiora, nossa Advogada, nossa grande Padroeira e Protetora; a Maria, o recurso ordinário do Instituto e de todos os seus membros, a fim de que ela nos obtenha a insigne graça, o dom precioso de uma verdadeira humildade; [...] Maria só é a mais elevada de todas as simples criaturas no céu porque foi a mais humilde, a menor de todas a seus olhos, sobre a terra. Na verdade, eu lhes digo, se vocês não se tornarem semelhantes às criancinhas, vocês não entrarão no reino dos céus.

No final dessa afirmação sobre Maria como modelo de humildade, encontramos a mesma expressão usada na instrução primitiva: “Maria só é a mais elevada das criaturas porque ela se considera a menor”. A palavra “nada” não é pronunciada, mas a ideia está presente. Como bom teólogo,²⁸ Irmão Louis-Marie teve o cuidado de subordinar Maria a Jesus e evitar um vocabulário sujeito a controvérsias como “nada”, mas ele retomou a tradição do Instituto de acordo com Champagnat, de um modo finalmente mais feliz do que nas suas instruções anteriores.

Irmão Théophane Durand



Depois de 1880, não há mais sérios problemas de interpretação a respeito do espírito do Instituto. A Regra e os ensinamentos dos Irmãos Jean-Baptiste (†1872) e Louis-Marie (†1879), fixaram sua interpretação legítima. O papel doutrinal do Irmão Francisco (†1881) foi esquecido. Os sucessores do Irmão Louis-Marie não são do grupo dos “antigos Irmãos”, que receberam diretamente o ensinamento de Champagnat. Mas, diante de alguns acontecimentos, é conveniente reexaminarmos as origens.

O primeiro acontecimento é a introdução da causa de beatificação do Fundador. Naquela ocasião, 10 de junho de 1897, logo após a introdução em Roma da causa de Champagnat declarado venerável, Irmão Théophane lança uma circular sobre o espírito marista que estabelece a equivalência “espírito marista=espírito do Instituto” e que ele amplia a outras virtudes além da humildade, simplicidade, modéstia. Mas uma nova noção se impõe mais do que anteriormente: o espírito de Champagnat.

²⁸ Ele deixou o Seminário Maior no final de seus estudos.

Outro acontecimento interessante: “o espírito do mundo”. Esta expressão tradicional se transforma em “espírito moderno”. E é sinal de que, em certa medida, o Instituto se considera como “antimoderno”. Sobretudo, o final da circular estabelece uma hierarquia de referências que situa a Regra depois da fé e do evangelho, o que não é tão banal como se poderia pensar. O título de venerável dado a Champagnat é, portanto, uma oportunidade para “nos renovarmos no espírito marista”:

É bom, em particular, sobretudo por ocasião de nossos retiros neste ano, nos interrogarmos em que ponto estamos em relação à humildade, à simplicidade, à modéstia, à piedade, ao espírito de pobreza, a todas as virtudes das quais nosso Venerável Fundador nos deu tantos e tão belos exemplos. Mais do que nunca precisamos nos compenetrar da necessidade de nos mantermos em guarda contra o espírito do mundo, contra o que chamam de **espírito moderno**, para não nos expormos a pagar tributo, até certo ponto, à vaidade, ao luxo, ao orgulho, ao sensualismo, à ambição, aos estereótipos do século. [...] é preciso que nunca percamos de vista que a atmosfera em que devemos nos movimentar não é outra senão a da Fé, do Evangelho, de nossa Regra.

Irmão Stratonique

Contrariamente ao Irmão Théophane, que escreveu poucas circulares doutrinárias, Irmão Stratonique deixa uma obra bastante considerável, em parte pelo fato de seu generalato se situar antes e depois do centenário do Instituto. Desde a circular de 6 de junho de 1908, ele anuncia uma novena de anos preparatórios a esse centenário. E para essa comemoração,

[...] nós devemos fixar o objetivo de sair de nossos retiros totalmente renovados no espírito primitivo de nosso Instituto, no verdadeiro espírito de nosso Venerável Fundador, o espírito marista que ele inculcou em seus primeiros Irmãos e do qual eles foram, como ele, tão bem impregnados. [...] é esse espírito que devemos opor ao do mundo que se perde por seu espírito de orgulho, de ostentação, de dissimulação.



Como assumir esse espírito de Champagnat e dos primeiros Irmãos? Pela leitura atenta e meditada de nossas obras ascéticas, que permitirá “que crie raízes em nossos corações a dedicação, essa bela e nobre virtude que nosso Venerável Fundador e nossos antecessores praticaram em tão alto grau, e de que nos deixaram tantos e tão admiráveis exemplos”.

Irmão Stratonique formula, então, uma visão muito pessoal do espírito marista afirmando que ele é não apenas o de Champagnat, mas também o dos primeiros Irmãos.

Para ele, não é a humildade que está no coração do espírito marista, mas a dedicação. E, mais do que defini-la, ele lembra o exemplo do Irmão Jérôme (*Biographies de quelques Frères*). Ele até imagina um livro que poderia levar o título “A prática da devoção no Instituto dos Irmãozinhos de Maria ao longo do primeiro século de sua existência”. Ele tenta restituir à literatura marista uma estima que parece pouco compartilhada, mas ele mesmo oferece uma interpretação bastante pessoal.²⁹ Essa atitude é repetida em sua circular do centenário, de 2 de janeiro de 1917; nela ele se inspira no texto de introdução do Irmão Jean-Baptiste nos *Avis, Leçons, Sentences*, de 1868.³⁰

“O que é o Instituto dos Irmãozinhos de Maria?” É esta a interrogação que ele se faz. Vejam como ele responde: “É uma Congregação nascida na humildade, na pobreza, e à sombra da Cruz de Jesus; ela foi fundada em 2 de janeiro de 1817; hoje ela tem portanto 52 anos de existência (foi em 1868 que ele publicou o livro) [...] nossa Congregação continua a se desenvolver e a crescer à sombra da Cruz e sob a proteção de Maria”.

A insistência sobre a cruz corresponde bem à situação do Instituto em 1917, mas também, sem comprometer a literatura oficial construída a partir de 1852, essa definição do espírito do Instituto recorda o tempo de La Valla e dos primeiros anos em l’Hermitage.

29 Ele faz até alusão aos cadernos do Irmão Francisco, mantidos em manuscritos.

30 Há uma versão anterior no manuscrito *Escritos 4 do Irmão Jean-Baptiste*, p. 48, que parece datada de 1864, mas que talvez seja cópia de um texto mais antigo ainda.

Irmão Diogène

Um pouco como o Irmão Théophane, o Irmão Diogène não se dedicou muito ao tema do espírito do Instituto, mas sua circular de 24 de maio de 1926 trata do espírito do Padre Champagnat, e ele considera l’Hermitage como o lugar em que sopra seu espírito:

Lá se respira uma atmosfera de santidade: o barulho e o movimento das cidades não atingem aquele vale solitário; as preocupações mundanas não ultrapassam a entrada daquela residência austera; e, entretanto, tão feliz. [...] Cada vez que me é dado pisar naquele solo abençoado, [...] meu coração se expande numa oração ardente para obter de Deus, por intercessão de Maria, a Rainha de l’Hermitage, que o espírito de nosso Venerável Pai penetre cada dia mais todos os nossos religiosos e que sua proteção nos defenda nesta época bastante perigosa e difícil que atravessamos.

E ele conclui que o dever é seguir a carta do papa *Unigenitus Dei Filius*, dirigida aos superiores das ordens religiosas e das demais congregações masculinas: “nunca perder de vista os exemplos de seu Fundador e legislador, [...] glorificar o pai observando sua regra e seus conselhos; e, compenetrando-se de seu espírito, serão fiéis a seus deveres de estado enquanto caminharem na trilha deixada por seu Fundador”.

Diante de um mundo hostil, Irmão Diogène concebe a fidelidade às origens associando o espírito de Champagnat ao santuário de l’Hermitage e à Regra.

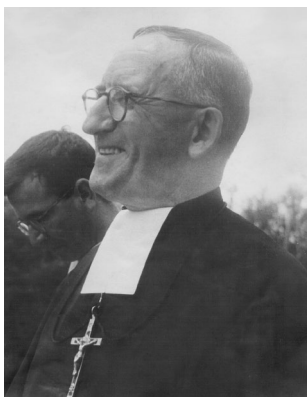
Irmão Marie-Odulphe

Como Irmão Diogène falece em 1942 e o Capítulo Geral fica impedido de se reunir, Irmão Michaëlis e depois o Irmão Marie-Odulphe assumirão interinamente o governo do Instituto. Logo que terminou a guerra na Europa, Irmão Marie-Odulphe publica em 24 de maio de 1945 a circular intitulada “Restaurar tudo no espírito do Venerável Fundador pelo culto da Regra!” Esse título, que associa o espírito do Fundador e a Regra num ideal de restauração, pode parecer exageradamente preocupado com o retorno à ordem. Entretanto, o espírito do Instituto é impressionantemente definido nele:

Padre Colin e seu amigo, Padre Champagnat, incontestavelmente quiseram dar à Sociedade de Maria o próprio espírito de Maria. Mas a Santíssima Virgem viveu maravilhosamente uma vida que uma frase de São Paulo expressa com espantosa precisão: “Vida oculta em Deus com o Cristo Jesus” (Col III, 3). E os dois veneráveis Fundadores, compreendendo que o espírito marista consiste na vida interior escondendo-se em Deus com o Cristo, se aplicaram a indicar para seus filhos espirituais um ideal em que a humildade, a abnegação de si mesmo, a união com Deus, o amor de Jesus e o zelo pelas almas são como as virtudes de base. Esse ideal de perfeição religiosa, eles mesmos perseguiram durante toda a sua vida, como testemunham sua história de vida e o processo em andamento para sua beatificação.

Essa definição do espírito marista unindo a cristologia e a mariologia parece bem próxima da que está na instrução das origens sobre o espírito do Instituto, mesmo que nada sugira que Irmão Marie-Odulphe tenha se inspirado nela. Temos aí um belo exemplo de uma interpretação pessoal muito marcante da espiritualidade marista.

Irmão Léonida



Em 8 de dezembro de 1952 Irmão Léonida insiste, ele também, na necessidade de retornar ao espírito primitivo numa circular intitulada “Nós somos religiosos, Irmãos-inhos de Maria”. Ele se inspirou declaradamente na primitiva circular sobre o espírito do Instituto, e seguiu o mesmo plano dela. Inicia, então, lembrando que:

Todas as famílias religiosas se propõem [...] levar seus membros ao máximo de união com Deus e [...] a única diferença que existe entre os fundadores é que, tendo tido das virtudes do divino Mestre uma visão pessoal e diferenciada, indicaram a seus discípulos os meios particulares de reproduzi-las em suas vidas.

E ele retoma a velha definição do espírito marista:

É assim que o Venerável Padre Champagnat prescreveu a seus filhos a via

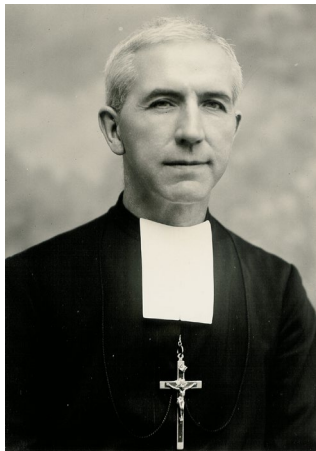
da humildade, da simplicidade e da modéstia, propondo para nossa imitação a Santíssima Virgem, a mais perfeita cópia de Nosso Senhor, e querendo que nossas comunidades reproduzam, o melhor possível, a vida da Sagrada Família em Nazaré.

Em seguida, como outrora Irmão Jean-Baptiste, ele se volta para o nome de Irmãozinhos de Maria, que “respira esse espírito”. No final, ele se refere a Maria como modelo:

Nossa Mãe Celestial mostrou-se tão humilde em todas as coisas, que não poderíamos nos chamar legitimamente seus filhos se não combatêssemos o orgulho, a presunção, a vaidade, se não soubéssemos reconhecer nossa ignorância, nossa fragilidade e nossas faltas para atribuir somente à infinita bondade de Deus o que em nós tiver qualquer valor.

O vocabulário do Irmão Léonida sobre a humildade marial é menos rigoroso que o da circular das origens, mas sugere a mesma humildade fundamental da criatura.

Irmão Charles-Raphaël



É com ele que se opera uma ruptura, sobretudo em sua circular de 24 de maio de 1959: “É o que quis o XV Capítulo Geral” de 1958, onde encontramos, talvez pela primeira vez, a expressão “espiritualidade marista”. Como as decisões do Capítulo enfraqueceram o esquema muito comunitário beneficiando práticas religiosas mais pessoais, ele explica: “Em espiritualidade [...] cada religioso deve ter seu próprio programa de santificação, inserindo-se no programa geral traçado pelas Regras”. Na circular de 8 de dezembro de 1960 sobre as Regras Comuns, ele dá uma definição do coração da espiritualidade marista absolutamente notável. E, se ficarmos atentos, ele afirma implicitamente que doravante é a história pessoal de Champagnat que revela seu espírito, mais do que a Regra:

Deve ser considerado como fundamental em nossa Congregação tudo o que toca, de longe ou de perto, o próprio espírito da Congregação [...] Como o Bem-aventurado Marcelino Champagnat foi levado a fundar nosso Instituto? Houve, nele, antes de mais nada, uma preocupação apostólica [...] O pensamento de fundar um Instituto religioso veio logo em seguida, quase de imediato [...] É nessas duas direções que é preciso procurar o que é essencial na Obra do Bem-aventurado Fundador.

Ele coloca então a vida apostólica em estreita conexão com a espiritualidade propriamente dita. E evidentemente, ela será marial, vai orientar-se de preferência para os humildes com a preocupação de “fazer o bem sem barulho”.

Eis o que certamente inspirou e orientou nosso Bem-aventurado Fundador, quando ele meditou e realizou progressivamente sua Obra. Eis o que ele certamente quis, contra tudo e contra todos, até o final de sua vida. Eis o que ainda hoje ele quer para seus filhos, para todos os seus. E é isso que devemos conservar a todo custo.

Mas é na data de 1º de maio de 1965 que, na minha opinião, se fecha a tradição do espírito do Instituto, com a circular “Fidelidade ao espírito de nossa vocação e lei da adaptação”, na qual o Irmão Charles-Raphaël afirma que “é a própria fidelidade ao Fundador que deve nos levar a empreender as adaptações necessárias”. Mas nessa data, o conceito de espírito do Instituto e seus equivalentes (espírito de Champagnat, espírito marista etc.) está em vias de ser substituído pelo de “espiritualidade marista” que, aliás, Irmão Charles-Raphaël contribuiu para implantar.

Essa mudança de vocabulário não é fortuita: é o sinal de um novo modo de pensar a identidade marista, sobretudo por um retorno às origens superando a Regra e a tradição. Como a quase identidade entre o espírito do Instituto e a Regra, firmada a partir de 1852, deixa de ser admitida, é preciso um conceito novo para expressar uma identidade religiosa vinculada a uma inspiração primitiva mais do que a uma regra de vida tardia.

Esse cuidado de retornar às fontes, já muito presente no Capítulo de 1967-1968, será teorizado pela circular de 1º de julho de 1971, na qual o Irmão Basílio, por ocasião da Conferência Geral, lança uma “Meditação em voz alta de um Superior Geral”, em que, ao reivindicar uma moção interior de tipo carismático, se coloca como refundador atento aos sinais dos tempos:

Hoje, pouco depois do encerramento do Concílio, [...] assistimos a uma transformação da vida religiosa não no essencial, mas no acidental; não em seu aspecto evangélico, mas em seu aspecto cultural. Assistimos a um despojamento de suas formas anteriores e a sua nova “formulação”. [...] Terminando repetindo: sinto uma força que nasce dentro de mim, sem mim, para apoiar tudo o que, no Instituto, nasce e se desenvolve no sentido da mudança e da renovação que o Espírito Santo inspira. [...] Como dizia Yves Congar: “É preciso ajudar a aurora a nascer”.

Conclusão

Se ficou claro que, por mais de um século (por volta dos anos 1852-1965) a Regra foi a referência maior da identidade marista, a ponto de dar a impressão que fidelidade à Regra e conformidade com o espírito do Instituto eram uma única e mesma coisa, definições desse espírito, anteriores ou autônomas, sempre estiveram presentes, como vimos nas circulares, desde Irmão Louis-Marie até Irmão Charles-Raphaël.



Podemos, então, concluir que esse espírito do Instituto era o equivalente do que hoje chamamos de espiritualidade marista? A mim, me pareceria mais justo falar de um discurso dominado pelo espírito de piedade, de ascese e de devoção, que autoriza apenas breves aberturas espirituais. Numa tradição antimística, comunitária e apostólica, preocupada em cultivar virtudes sólidas e em fugir das singularidades, a espiritualidade se expressava mais frequentemente de modo vago e, portanto, amplamente “desconhecido e oculto”. Mas vimos que, por modestas que tenham sido, essas contribuições espirituais estão longe de ser negligenciáveis.

Finalmente, é em sua circular de 1975 que o Irmão Basílio faz um balanço crítico detalhado e bastante completo do conceito de espírito do Instituto. Deixo aos leitores deste estudo histórico complementar, em duas partes, a tarefa de avaliar como ele pode enriquecer a reflexão a respeito do que ainda não era chamado de espiritualidade marista.

Irmão André Lanfrey, junho de 2020.

